

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: MEMÓRIAS,  
PROTAGONISMO ESTUDANTIL E INCLUSÃO CURRICULAR NO CONTEXTO  
DA LAJE DO MURIAÉ**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-051>

**Data de submissão:** 06/12/2024

**Data de publicação:** 06/01/2025

**Daniel Costa de Paiva**

Dr.  
UFF

**Fabiano Madeira Lacerda**

Ms.  
UFF

---

**RESUMO**

Este artigo explora a implementação de um projeto de Educação Patrimonial no ensino de Filosofia para estudantes de Formação de Professores, visando a valorização do patrimônio cultural e a formação de cidadãos críticos. A pesquisa, realizada no CIEP 343 de Laje do Muriaé, RJ, integra práticas pedagógicas com a memória histórica local, promovendo o protagonismo juvenil e a consciência sobre a identidade regional.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial. Identidade Regional.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa iniciada no mestrado em agosto de 2021, que propôs o desenvolvimento de um projeto de Educação Patrimonial no âmbito do ensino de Filosofia e Disciplinas Pedagógicas, direcionado aos estudantes do curso de Formação de Professores do CIEP 343 – Profª Emilia Diniz Ligiero, situado no município de Laje do Muriaé, Rio de Janeiro. A pesquisa teve como objetivo integrar os conteúdos curriculares à realidade local, promovendo a valorização do patrimônio cultural e histórico regional, ao mesmo tempo em que busca a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Em um contexto educacional brasileiro caracterizado pela instabilidade das políticas públicas externas à promoção de uma educação de qualidade, a formação de cidadãos críticos e conscientes emerge como um desafio central. Essa formação transcende o simples aprendizado científico, abrangendo também o desenvolvimento de uma compreensão profunda sobre a própria existência, a alteridade e o papel de cada indivíduo na construção da história. Estimular o aluno a refletir sobre seu lugar no mundo e as possibilidades de intervenção social constitui uma abordagem crucial para confrontar e questionar as estruturas de opressão que permeiam a sociedade, oferecendo-lhe as possibilidades para compreender e transformar as adversidades cotidianas.

Enfrentamos atualmente males produzidos por seres humanos tão inesperados, incalculáveis e imprevisíveis quanto qualquer catástrofe natural que possa ter ameaçado nossos antepassados. (...) Nesse contexto de incertezas e medo, as relações humanas e os vínculos sociais encontram-se extremamente ameaçados. O distanciamento parece a única medida capaz de propiciar um pouco de alívio e segurança. As cidades, antes símbolos de proteção, se transformaram em fontes de ameaça e de perigo permanentes. Os muros que antes protegiam seus habitantes dos riscos externos, agora as recortam. Os encontros no espaço urbano tendem a ser evitados ou marcados pela suspeita, mediados por guaritas, grades, câmeras e o que mais as modernas empresas de segurança possam oferecer para os habitantes aterrorizados e economicamente privilegiados. Nesse cenário, a confiança não se fortalece e o medo não se dissipa, antes ele encontra um ambiente favorável à sua autorreprodução. (FRATTARI, 2008, p. 398)

A pandemia de 2020 alterou profundamente a rotina escolar, exigindo uma rápida adaptação de todos os envolvidos no processo educativo. Nesse cenário, tornou-se ainda mais crucial que o ensino esteja conectado com a realidade existencial dos alunos. Para que o ensino seja eficaz, é necessário que os educadores compreendam as formas de expressão dos estudantes e como estes percebem o mundo a partir de suas experiências pessoais. Isso permite um aprendizado mais significativo, que amplia a visão crítica sobre o mundo e suas dinâmicas. Como afirmou Misrahi (2001, p. 89), a busca por uma existência garantida e significativamente requer um esforço contínuo de todos os envolvidos no processo educacional.

O ensino formal transcende a simples transmissão de conteúdos, desempenhando um papel crucial na formação integral dos alunos. A compreensão da realidade dos estudantes, das suas necessidades e condições de vida, é fundamental para que o processo educativo seja relevante e contextualizado. Ao considerar as especificidades da condição dos alunos, os educadores têm a possibilidade de promover uma aprendizagem mais eficaz e transformadora. Este processo envolve, ainda, o resgate da memória histórica, elemento essencial para permitir aos estudantes uma projeção do futuro mais crítica e consciente em relação à sua realidade social e cultural.

O objetivo geral desta pesquisa é promover a educação patrimonial, com foco na valorização do protagonismo juvenil e das identidades regionais. O projeto envolve estudantes em atividades que favorecem a compreensão e a valorização do patrimônio cultural, histórico e natural de sua região, direcionando-se à formação de cidadãos críticos, conscientes e comprometidos com a preservação local. Além disso, a pesquisa tem como propósito incentivar a participação ativa dos jovens na construção de uma identidade regional que reflita a diversidade cultural e histórica da área.

A presente investigação, de natureza qualitativa e aplicada, foi desenvolvida no contexto do ensino de Filosofia e disciplinas pedagógicas no curso de Formação de Professores do CIEP 343 – Profª Emília Diniz Ligiero, localizada na Laje do Muriaé, RJ. O objetivo principal do estudo é analisar como a Educação Patrimonial local é abordada nas disciplinas do currículo escolar, investigando a forma como essa temática é integrada nas práticas pedagógicas da instituição. Adotando uma abordagem interdisciplinar, a pesquisa utiliza a construção de Inventários Participativos como metodologia central, permitindo a coleta de dados por meio da interação direta dos alunos com o patrimônio cultural e histórico da comunidade.

A atividade/pesquisa envolveu cerca de 30 alunos, com idades entre 15 e 18 anos. O objetivo da coleta de dados é diagnosticar os conhecimentos dos estudantes sobre os patrimônios e tradições locais, além de explorar suas expectativas em relação ao estudo da história local. A metodologia utilizada será a história oral, por meio de dois tipos de inventário: um patrimonial, que inclui acervos históricos e fotografias, e outros de memórias, com relatos de membros da comunidade, como idosos e líderes religiosos. Essas atividades foram realizadas no contexto das disciplinas de Filosofia e outras áreas pedagógicas, em conformidade com a BNCC. Neste artigo, abordei apenas duas atividades dessas atividades desenvolvidas.

## **2 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULOS INCLUSIVOS**

O currículo escolar é, em grande medida, um reflexo das relações de poder presentes na sociedade. As decisões sobre o que é ou não ensinado nas escolas são, portanto, de natureza política,

contribuindo para o silenciamento de determinadas culturas, enquanto outras são privilegiadas. Nesse contexto, a educação patrimonial tem o potencial de colaborar na construção de currículos mais inclusivos, desafiando as narrativas hegemônicas e promovendo a valorização de diversas identidades culturais.

A educação é um ato político que confere ao educador o poder de, conscientemente, promover desigualdades sociais ou, por outro lado, promover a aproximação entre as pessoas. Esse movimento pode ser desenvolvido ao integrar as práticas culturais populares no processo educativo, valorizando as experiências e saberes que os alunos trazem de seus contextos cotidianos. Ao considerar e incorporar essas vivências no ambiente escolar, o educador cria um espaço onde os estudantes se representam no conteúdo curricular, estreitando a relação entre o conhecimento formal e a realidade vivida pelos alunos. Isso contribui para uma aprendizagem mais significativa, que dialoga diretamente com suas identidades e experiências.

O currículo escolar frequentemente prioriza conhecimentos científicos desvinculados do contexto e da realidade dos alunos. Nos currículos de história, a ênfase recai sobre a história europeia, marginalizando as histórias africana e latino-americana. Essa escolha reforça uma visão subalterna dos países em desenvolvimento. A educação popular, por outro lado, valoriza os saberes locais e coloca os alunos como protagonistas, utilizando a comunicação oral, a participação política e a aplicação de conhecimentos científicos para resolver problemas comunitários.

As manifestações artísticas locais desempenham um papel fundamental na compreensão de processos históricos, como a colonização, a migração e as diversas influências culturais que desenvolvem para a configuração do território e da história da comunidade. A valorização da arte local, nesse contexto, não apenas facilita a preservação das tradições culturais, mas também fomenta a formação de agentes multiplicadores, essencial para a perpetuação de práticas culturais. Esse processo está intrinsecamente alinhado aos objetivos da Educação Patrimonial, que busca integrar o patrimônio cultural ao processo educacional de forma crítica e reflexiva.

A interdisciplinaridade, como abordagem educacional, promove a igualdade ao integrar saberes científicos e cotidianos, estabelecendo uma relação dialógica entre escola e comunidade. A Educação Patrimonial propõe o diálogo entre história local e conhecimento científico, permitindo, por exemplo, a criação de cartografias de patrimônios ou a recuperação de narrativas históricas por meio de entrevistas com membros mais velhos. Nessa perspectiva, estudantes e comunidades tornam-se protagonistas, refletindo criticamente sobre as desigualdades sociais e compreendendo as estruturas de opressão para definir suas ações no mundo, a partir do conhecimento de si mesmos e de suas histórias.

## 2.1 CULTURA: DEFINIÇÃO E DIVERSIDADE DE FORMAS

Cultura é um conceito amplo que abrange valores, costumes, práticas, símbolos e expressões que caracterizam uma sociedade ou grupo social. Ela envolve tanto aspectos tangíveis quanto intangíveis, representando tudo o que é produzido, transmitido e transformado pelos seres humanos. Essencial para a formação da identidade coletiva, a cultura molda as interações sociais e a relação das pessoas com o mundo. Como definido por Laraia (2001, p. 25), cultura é “este todo complexo que inclui conhecimentos, implicações, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

A definição de cultura transcende uma simples ideia de arte ou erudição, abrangendo também aspectos materiais e imateriais. Por um lado, um material cultural refere-se a objetos físicos criados pelo ser humano, como ferramentas, edificações, roupas e obras de arte. Esses elementos refletem a habilidade humana de modificar o ambiente e atender às suas necessidades práticas e estéticas. Por outro lado, a cultura imaterial compreende tradições, costumes, línguas, músicas e opiniões transmitidas entre gerações, formando a base das identidades culturais de diferentes povos.

Entre as diferentes manifestações culturais, destaca-se a divisão entre cultura popular e cultura erudita. A cultura popular engloba expressões cotidianas que refletem a identidade de uma comunidade, como festas, comidas típicas e danças regionais. Já a cultura erudita está associada a manifestações mais sofisticadas e formais, como música clássica, literatura e artes visuais, frequentemente vinculadas a instituições educacionais ou de elite intelectual.

A cultura contemporânea é profundamente influenciada pelas novas tecnologias, dando origem à cultura digital. Essa transformação inclui o surgimento da "cultura da tela", que, como destaca Arenas (1991), substitui gradualmente o contato pessoal e a cultura do livro. O ciberespaço amplia o acesso à informação e facilita a comunicação, gerando expressões como memes, vídeos virais e redes sociais, que redefinem as interações humanas (GRAELLS, 2000, p. 4). Além disso, as subculturas e a cultura de massa refletem como os interesses tecnológicos moldam práticas coletivas e industriais. Segundo Laraia (2001), a tecnologia é um fator central de processos adaptativos que impulsionam mudanças culturais.

Ainda é importante mencionar as culturas organizacionais, científicas e religiosas, que desempenham papéis específicos em diferentes contextos sociais. A cultura organizacional, por exemplo, molda os valores e comportamentos dentro das instituições, enquanto a cultura científica contribui para o avanço do conhecimento. Por sua vez, uma cultura religiosa de orientação religiosa e prática espiritual, exercendo grande influência nas dinâmicas sociais.

A cultura é multifacetada e expressa a diversidade da experiência humana, formando um mosaico de identidades e manifestações. Compreender sua complexidade é essencial para valorizar a diversidade e promover a convivência entre grupos. Segundo Chauí (2008, p. 57), a cultura abrange a criação de símbolos, práticas, valores e relações humanas, influenciando áreas como linguagem, religião, trabalho, família, poder e as noções de vida, morte, sagrado e profano.

Portanto, que a cultura é um elemento central na vida humana, permeando todos os aspectos da sociedade e desempenhando um papel fundamental na construção de identidades e na definição das relações sociais. Seja através de suas manifestações materiais ou imateriais, ela é o reflexo da criatividade e adaptabilidade humana, moldando a forma como os indivíduos entendem e interagem com o mundo. Reconhecer e valorizar essa diversidade cultural é essencial para fomentar o respeito mútuo e a convivência em sociedades cada vez mais interconectadas.

Além disso, compreender a cultura como um som sonoro e em constante transformação permite uma abordagem mais crítica e inclusiva de sua expressão nas diferentes esferas sociais, como na educação, na ciência e na religião. O desafio é equilibrar o respeito às tradições com a abertura para novas formas de expressão cultural, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas. Assim, a cultura não apenas representa o que somos, mas também orienta o que podemos nos tornar enquanto sociedade.

### **3 EDUCAÇÃO COMO TRANSFORMAÇÃO: HISTÓRIAS, PATRIMÔNIO E PROTAGONISMO ESTUDANTIL**

A educação é um agente transformador da sociedade, e a escola, como espaço de construção do conhecimento, desempenha um papel fundamental na formação crítica e na cidade dos indivíduos. Por meio do diálogo entre diferentes saberes e experiências, ela promove a superação de desigualdades e a valorização das diversidades culturais e históricas. Nesse contexto, a atividade "Memórias de Laje do Muriaé" se destaca ao incorporar práticas pedagógicas que estimulam o protagonismo estudantil, fomentam o letramento crítico e resgatam a memória local. Alinhadas aos objetivos da BNCC e às ideias de educadores como Paulo Freire, essas ações evidenciam o potencial transformador da educação ao conjunto de conexões entre o passado, o presente e o futuro, proporcionando um conhecimento significativo e inclusivo.

A seguir, apresenta-se uma atividade desenvolvida em sala de aula, com destaque para seus objetivos, metodologias e resultados obtidos.

### 3.1 ATIVIDADE: “MEMÓRIAS DE LAJE DO MURIAÉ”

O património histórico de uma localidade pode ser narrado de diversas formas, utilizando-se de múltiplas fontes. Uma dessas possibilidades é ouvir pessoas experientes que vivenciaram e conheceram a história local. Muitas vezes, personagens históricos das cidades são esquecidos ou ignorados pela comunidade mais jovem, sendo ou por não estarem mais envolvidos em grandes eventos sociais da comunidade, resultando no desconhecimento de suas contribuições pelas gerações mais jovens.

No contexto dessa atividade, foi relatada a história de vida da professora Antonieta Oliver Pinto, que, além de revelar aspectos de sua trajetória pessoal, também trouxe à tona a história da cidade de Laje do Muriaé. Sua preocupação com a educação das filhas e com o desenvolvimento educacional da comunidade destacou a importância do papel de indivíduos comprometidos com a transformação social por meio da educação.

Voltemos aos 1º dias de aula do ano de 1952.

Laje, uma pequena cidade empoeirada, com casas velhas e sem trato, e habitada por um povo que deseja dias melhores para seus filhos. Assim, é que eu via o sacrifício de muitos pais como o Sr. Zacarias Coelho, Christovão Colombo Garcia, Celso Pinto Côre, Geraldo Alves Pereira, Moacyr Gabetto, Nadir Chavier Marinho, e outros levando para Muriaé suas filhas para cursarem a Escola Normal. Pensei nas minhas duas filhinhas que ainda frequentavam o primário. Como seria? Eu sonhava para elas, uma boa instrução, uma boa cultura. Eu que não tivera a oportunidade de me instruir a tempo, como veem estou no 2º ano normal junto com a minha caçula Esmeralda (CARTA DA PROFESSORA MARIA ANTONIETA OLIVIER PINTO, 1952).

Ao estudar a carta da professora Antonieta Olivier Pinto, os alunos passaram a refletir sobre o ensino na década de 1950 na Laje do Muriaé e compará-lo com a realidade educacional atual da cidade. Esse exercício permitiu compreender como, ao longo do tempo, as políticas públicas foram desenvolvidas, favorecendo a criação de escolas em todo o país, incluindo o município de Laje do Muriaé. Os alunos também tiveram contato com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), aprofundando seu entendimento sobre as consolidações e as conquistas da educação brasileira. A carta destaca ainda a participação ativa da comunidade local na luta pelos direitos e na construção das instituições que hoje fazem parte da estrutura educacional da cidade.

Meu esposo Itagiba, é dentista, mas ganhava de acordo com o meio, dava para viver em Laje, mas não sobrava para grandes despesas. Só nos restava mudar para onde houvesse escolas. Então continuei sonhando, e se fosse possível criar um ginásio em Laje? Por que não tentar? Já foi tentado uma vez! ... Por que não tentarmos outra vez? Assim criou um vulto a minha maquinação, passaram-se dias, eu sempre pensando no mesmo assunto, perdia horas de sono procurando uma solução. Uma tarde dos 1º dias de abril recebemos a visita do Ilmo. Dr Tobias Tostes Machado e sua senhora, Dona Laís Tobias Machado, ele cunhado de minha irmã Marieta e nosso estimado amigo. Conversamos com Drª Laís, contei-lhe meu problema e ela prontamente me respondeu que pedisse o seu esposo que estava nas mãos dele. Exultante de

alegria e esperanças abordei-o sobre o assunto e lhe pedi. Ele me respondeu: - tentaremos, mas, há problemas sérios:

- A) precisamos professores registrados ou que tenham licenciatura em Filosofia.
- B) dinheiro para mantê-los aqui se vierem de fora.
- C) número de aluno, etc.

Confiante, resolvi reforçar o pedido por meio de uma representação popular, assinada por 500 pessoas maiores de 18 anos. Pedi a uma pessoa culta que redigisse o cabeçalho, mas por indisposição de saúde me respondeu que deixasse para depois, mas eu não podia esperar, estava por demais aflita. Pedi então ao ilustre jornalista Antonio Augusto da Cunha que não se faz de rogado. Tenho em meu poder a cópia com data de 25 de abril de 1952. Nesse dia tivemos a grata satisfação de receber a visita do Catedrático do colégio Pedro II, do Rio de Janeiro o Ilmo. Francisco Tobias Sette (hoje falecido) que fez a revisão e aprovou o cabeçalho. Dr. Ignácio Tostes Machado e sua esposa Marieta, usando de sua influência junto ao Dr. Tobias, reforçaram nosso pedido prontificando a colaborar em tudo que fosse preciso. Logo nos primeiros dias de maio Dr. Tobias telefonou ao Dr. Ignácio que fosse a Itaperuna receber de avião (de Campos) o técnico oficial do governo Federal (e chefe C.M.G. no Brasil) Dr. Felipe T. Gomes, que veio aqui estudar as possibilidades da fundação do nosso ginásio. Eu pessoalmente saí de porta em porta convidando aos nossos conterrâneos para a primeira reunião do Grupo E. Ary Parreiras. Ficamos assim conhecendo a C.N.E. G que contava com 9 anos de existência e que Ilmo. Sr. Dr Tobias Tostes Machado era o presidente no Estado do Rio. Dr. Felipe considerou favorável a criação do Ginásio. (fonte: Arquivo pessoal)

A análise da carta permitida aos alunos compreende a importância da participação cidadã nas decisões e transformações da cidade. A ação política vai além da esfera partidária, manifestando-se na luta cotidiana de pessoas comuns e grupos comunitários, alinhando-se ao conceito de “Pedagogia do Bairro” de Paulo Freire (2021). Essa perspectiva destaca que a comunidade, com suas experiências e demandas, é quem ensina e constrói a escola, tornando-a uma instituição viva, com identidade comunitária e profundamente conectada às necessidades reais do cotidiano.

Além disso, a carta também ilustra o conceito de “esperançar”, proposto por Freire, que significa acreditar em um futuro desejado e agir para realizá-lo por meio da luta política e da participação social. Ensinar as crianças a esperançar desde cedo é essencial para formar cidadãos críticos, comprometidos com as demandas locais e com a construção de uma comunidade mais justa. A carta ainda destaca o processo de construção da escola, que foi possível graças à colaboração financeira e ao esforço conjunto de diversos cidadãos, evidenciando a força do engajamento coletivo na transformação social.

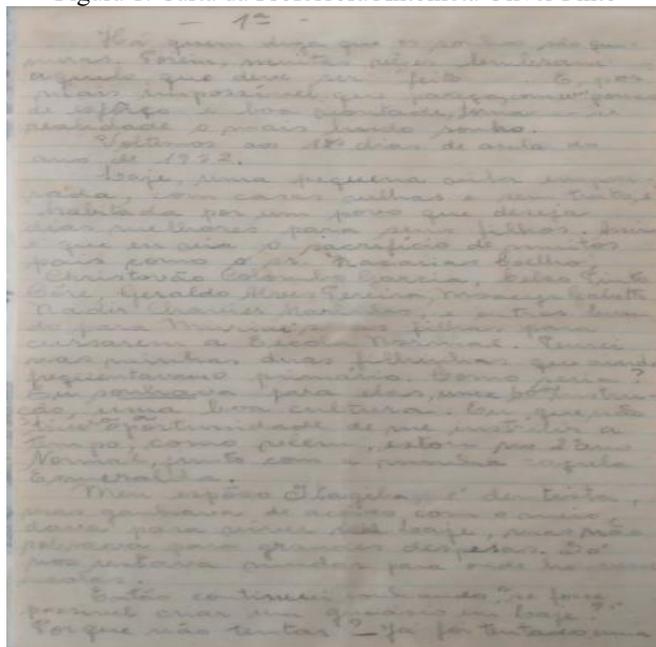
Deixou comigo alguns estatutos para nossa orientação. Logo a seguir reunimo-nos criando no G. E. Parreiras, 1 hora da tarde do dia, contamos com a presença do Dr. Tobias, Dr. Rui G. de Azevedo e Dr. Deocecio ambos atenderam aos nossos convites e muito nos auxiliaram, inclusive com seus nomes como professores do ginásio. Nesse dia foi aprovada a primeira diretoria do C. em Laje. Dr. Felipe foi favorável à criação do ginásio, aprovou a nossa primeira diretoria organizada por mim, Dr. Ignácio e Dr. Desilei assim como o nome do ginásio. Enviamos pedidos de dinheiro a todas as pessoas, conseguindo para as primeiras despesas 22 mil cruzeiros aproximadamente, que foi depositado com 1º tesoureiro Sr. Cristovão Colombo Garcia. Com data de 22 de maio Marieta recebeu uma carta do Dr. Tobias dizendo “em atenção ao pedido está criado o ginásio de Laje”. E que me avisasse para festejar o acontecimento.

Telefonou ainda cumprimentando pelo nome que eu e Dr Ignácio escolhemos. Dias depois veio a mandado a companhia um senhor tirar fotografia do Grupo “Escolar Ary Parreiras” para aprovação do governo. (fonte: Arquivo pessoal).

A história foi abordada no Ensino Médio, no contexto do conteúdo de filosofia, destacando a participação da sociedade na luta política e nas conquistas do bairro. Contudo, ela transcende essa perspectiva, representando uma parte significativa da história da educação brasileira, incluindo o processo de financiamento e a evolução das leis educacionais. Dessa forma, a atividade também pode ser aplicada em contextos de formação continuada e na capacitação de professores.

A proposta da atividade consiste em estudar a carta da professora Antonieta Olivier Pinto, já falecida, para conhecer sua trajetória e sua contribuição para a educação local. Como sequência, os alunos foram incentivados a buscar alguém na cidade que pudesse compartilhar sua história de vida, ampliando a reflexão sobre a memória e a participação comunitária. A seguir, é apresentada uma imagem contendo um trecho da carta utilizada na atividade.

Figura 1: Carta da Professora Antonieta Oliver Pinto



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

#### **Carta da Professora Antonieta Oliver Pinto**

Há quem diga que sonhos são quimeras. Porém, muitas vezes lembram daquilo que deve ser feito. E por mais impossível que pareça, com um pouco de esforço e boa vontade, torna-se realidade, o mais lindo sonho.

Voltemos aos 1º dias de aula do ano de 1952.

Laje, uma pequena cidade empoeirada, com casas velhas e sem trato, e habitada por um povo que deseja dias melhores para seus filhos. Assim, é que eu via o sacrifício de muitos pais como o Sr. Zacarias Coelho, Christovão Colombo Garcia, Celso Pinto Côre, Geraldo Alves Pereira, Moacyr Gabetto, Nadir Chavier Marinho, e outros levando para Muriaé suas filhas para cursarem a Escola Normal. Pensei nas minha duas filhinhas que ainda

frequentavam o primário . Como seria? Eu sonhava para elas, uma boa instrução, uma boa cultura. Eu que não tivera a oportunidade de me instruir a tempo, como veem estou no 2º ano normal junto com a minha caçula Esmeralda.

Meu esposo Itagiba, é dentista, mas ganhava de acordo com o meio, dava para viver em Laje, mas não sobrava para grandes despesas. Só nos restava mudar para onde houvesse escolas.

Então continuei sonhando, e se fosse possível criar um ginásio em Laje? Por que não tentar? Já foi tentado uma vez! ... Por que não tentarmos outra vez?

Assim criou um vulto a minha maquinação, passaram-se dias, eu sempre pensando no mesmo assunto, perdia horas de sono procurando uma solução.

Uma tarde dos 1º dias de abril recebemos a visita do Ilmo. Dr Tobias Tostes Machado e sua senhora, Dona Laís Tobias Machado, ele cunhado de minha irmã Marieta e nosso estimado amigo.

Conversamos com Drª Lais, contei-lhe meu problema e ela prontamente me respondeu que pedisse o seu esposo que estava nas mãos dele.

Exultante de alegria e esperanças abordei-o sobre o assunto e lhe pedi. Ele me respondeu: - tentaremos, mas, há problemas sérios:

A) precisamos professores registrados ou que tenham licenciatura em Filosofia.

b) dinheiro para mantê-los aqui se vierem de fora.

C) número de aluno, etc....

Confiante, resolvi reforçar o pedido por meio de uma representação popular, assinada por 500 pessoas maiores de 18 anos.

Pedi a uma pessoa culta que redigisse p cabeçalho, mas por indisposição de saúde me respondeu que deixasse para depois, mas eu não podia esperar, estava por demais aflita. Pedi então ao ilustre jornalista Antonio Augusto da Cunha que não se faz de rogado. Tenho em meu poder a cópia com data de 25 de abril de 1952. Nesse dia tivemos a grata satisfação de receber a visita do Catedrático do colégio Pedro II, do Rio de Janeiro o Ilmo. Francisco Tobias Sette ( hoje falecido) que fez a revisão e aprovou o cabeçalho.

Dr. Ignácio Tostes Machado e sua esposa Marieta, usando de sua influência junto ao Dr, Tobias, reforçaram nosso pedido prontificando a colaborar em tudo que fosse preciso.

Logo nos primeiros dias de maio Dr. Tobias telefonou ao Dr Ignácio que fosse a Itaperuna receber de avião ( de Campos) o técnico oficial do governo Federal ( e chefe C.M.G. no Brasil) dr. Felipe T. Gomes, que veio aqui estudar as possibilidades da fundação do nosso ginásio.

Eu pessoalmente sai de porta em porta convidando aos nossos conterrâneos para a primeira reunião do Grupo E. Ary Parreiras.

Ficamos assim conhecendo a C.N.E. G que contava com 9 anos de existência e que Ilm. Sr. Dr Tobias Tostes Machado era o presidente no Estado do Rio.

Dr. Felipe considerou favorável a criação do Ginásio. Deixou comigo alguns estatutos para nossa orientação.

Logo a seguir reunimo-nos criando no G. E. Parreiras, 1 hora da tarde do dia, contamos com a presença do Dr. Tobias, Dr. Rui G. de Azevedo e Dr. Deocecio ambos atenderam aos nossos convites e muito nos auxiliaram, inclusive com seus nomes como professores do ginásio. Nesse dia foi aprovada a primeira diretoria do C. em Laje. Dr. Felipe foi favorável a criação do ginásio, aprovou a nossa primeira diretoria organizada por mim, Dr. Ignácio e Dr. Desilei assim como o nome do ginásio.

Enviamos pedidos de dinheiro a todas as pessoas, conseguindo para as primeiras despesas 22 mil cruzeiros aproximadamente, que foi depositado com 1º tesoureiro Sr. Cristovão Colombo Garcia.

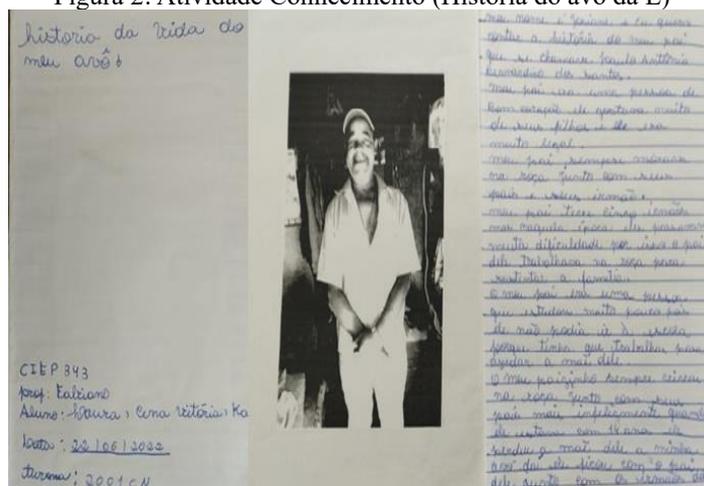
Com data de 22 de maio Marieta recebeu uma carta do Dr. Tobias dizendo “ em atenção ao pedido está criado o ginásio de Laje”. E que me avisasse para festejar o acontecimento. Telefonou ainda cumprimentando pelo nome que eu e Dr Ignácio escolhemos.

Dias depois veio a mandado d companhia um senhor tirar fotografia do Grupo Escolar Ary Parreiras” para aprovação do governo.

Após analisar a carta, os alunos foram incentivados, na aula seguinte, a trazer depoimentos de um ou mais de seus avós sobre a história da cidade. A história oral compartilhada pelos anciãos é um valioso registro da memória local, e dar visibilidade a esses relatos no contexto escolar constitui uma

importante prática de letramento crítico. Essa abordagem permite que os estudantes explorem diferentes formas de construir narrativas históricas, ampliando sua compreensão sobre o passado e suas conexões com o presente. A seguir, apresenta-se um documento elaborado por um grupo de alunos com base nos depoimentos de suas avós.

Figura 2: Atividade Conhecimento (História do avô da L)



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

### A história da Vida do meu avô!

Meu nome é Josiane e eu quero contar a história do meu pai que se chamava Paulo Antônio Bernadino dos Santos. Meu pai era uma pessoa de bom coração, gostava muito de seus filhos e era legal.

Meu pai sempre morou na roça junto com seus pais e seus irmãos. Teve cinco irmãos. Naquela época eles passavam muita dificuldade por isso o pai dele trabalhava na roça para sustentar a família. Meu pai era uma pessoa que estudou muito pouco, pois ele não podia ir à escola, porque tinha que trabalhar para ajudar sua mãe.

O meu paizinho sempre viveu na roça junto com seus pais, mais infelizmente quando ele estava com 14 anos, sua mãe faleceu, minha vó. Ele ficou com o pai junto com seus irmãos. Depois que ele perdeu a sua mãe as dificuldades só aumentaram, pois ele não tinha mais o carinho da mãe, nem os conselhos que ela dava. Então ele ficou muito triste e aborrecido, por isso que ele resolveu ajudar meu avô e os irmãos. Quando completou 16 anos, vovô ficou muito doente e morreu. Daí meu pai resolveu sair de casa e seus irmãos espalharam para a casa das pessoas que os adotaram. Meu pai foi para a casa do senhor Silvío Aleixo, sendo criando por esse senhor. Sempre o tratavam como filho, como se realmente fosse da família. Meu pai trabalhava para eles.

O nome do meu avô era João Bernadino dos Santos e da minha vó Maria Augusta dos Santos, meu pai com 18 anos conheceu minha mãe e começaram a namorar. Minha mãe chamava Joana D'arc Feliciano doa Santos. Meu pai quando completou 20 anos, resolveu casar e formar uma família.

Minha mãe teve quatro filhos, sendo eu a mais velha e três meninos. Nós éramos muito unidos. As vezes nos brigamos, mas nunca ficamos de mau. Para mim meu pai foi o melhor pai do mundo, pois me ensinou a ser uma pessoa humilde, honesta e me ensinou a amar o próximo como a mim mesmo.

Meu pai era uma pessoa muito alegre que gostava de contar histórias da vida dele, coisas aconteceu com ele. Ele contou para mim que aprendeu a fumar quando era criança com a mãe dele, no caso minha avó, por isso já fumava fazia uns 40 anos. Quando meu pai se tornou adolescente aprendeu a bebe bebida alcoólica. As vezes quando ele bebia, ficava um pouco enjoado, mas não era agressivo conosco, era uma pessoa cuidadosa. Mesmo quando bebia, no outro dia, saia cedinho para ir trabalhar no curral, tirando leite, para sustentar meus irmãos.

Quando ficava doente, meu pai, não procurava médico, achava que iria melhorar. Somente quando via que não estava melhorando que procurava o médico.

Quando chegava o final de semana, sempre encontrava os amigos dele, gostava muito de frequentar o baile que sempre tinha na rua do cinema, que era da terceira idade. Mas, ele não ligava para a questão da idade, ele era divertido.

Meu pai tinha um cavalo branco que deu o nome de Cacique. Quando ia na rua fazia compras e ficava tarde, o cavalo sabia o caminho de casa, não errava e nem deixava meu pai caí. Esse cavalo era muito mansinho, eu cheguei a andar nele.

Como bebeu e fumava há muitos anos e começou a ficar doente. Fez os exames e o resultado não foi nada bem. Os exames diagnosticaram uma doença causada pela bebida e o cigarro. Começou a fazer tratamento em Itaperuna, parecia estar resolvendo os problemas dele, mas como ele tinha feito uma operação, não podia pegar friagem. Com isso fazia sua caminhada as 8 horas da manhã.

Acreditando que já tinha terminado as sessões. Meu pai tinha bronquite, quando estava frio ele ficava mais gripado e cansado, com isso pegou uma pneumonia. Achou que iria melhorar, mas não foi bem assim. No ano de 2020, passou mal e piorou e foi parar no hospital, chegando lá foi direto para a sala vermelha e ficou a noite nos aparelhos. Veio a falecer no outro dia. Quando eu fiquei sabendo foi muito doloroso e doído para mim. Até hoje não consegui superar a sua partida, mas quando foi ano seguinte a minha mãe também me deixou.

Minha mãe tinha vários problemas de saúde, sofria de pressão alta, diabética e também sentia muita a falta de meu pai, era somente os dois em casa. Mamãe teve um infarto e faleceu em março de 2021. Eu sinto muito a falta deles, a saudade só aumenta. Mas, sei também que eles estão do lado de Jesus Cristo nosso senhor. Meu pai ia fazer 62 anos.

(...) a história do meu pai que se chamava Paulo Antônio Bernardino dos Santos...

(...) meu pai sempre morava na roça, junto com seus pais e seus irmãos. Meu pai teve cinco irmãos, mas aquela época eles passavam muita dificuldade por isso o pai trabalhava na roça para sustentar a família. O meu pai era uma pessoa que estudou muito pouco pois ele não podia ir à escola porque tinha que trabalhar para ajudar a mãe dele. O meu paizinho sempre viveu na roça.... (FONTE aUTOR)

O depoimento que relata a história do avô da aluna L destaca as dificuldades de acesso à educação durante sua infância na cidade, bem como sua vida de trabalho na roça. Esse relato dialoga com a carta da professora Maria Antonieta ao evidenciar como a luta empreendida por ela na década de 1950 resultou em benefícios que impactaram as gerações seguintes, incluindo os netos do depoimento na década de 2020. Essa conexão permitiu aos alunos compreender a importância da participação cidadã na transformação da sociedade.

A contextualização entre a história de vida do idoso e a carta da professora serviu como uma linha do tempo, mostrando como os direitos conquistados na educação moldaram a vida de toda a comunidade. Embora o avô tenha vivido nenhum período de luta pela criação da escola, não conseguiu concluir sua trajetória escolar, seus filhos e netos tiveram acesso à educação. Dessa forma, os alunos puderam refletir sobre os impactos diretos das lutas comunitárias em suas próprias vidas e nas de suas famílias, compreendendo a relevância do engajamento coletivo para o progresso social.

Essa análise reforça a importância de conectar o passado ao presente, permitindo que os alunos compreendam como as ações de indivíduos e comunidades podem gerar transformações significativas e duradouras. Ao explorar histórias como a da professora Maria Antonieta e do avô da aluna L, os estudantes não apenas regularam os desafios e conquistas do passado, mas também se inspiram a

valorizar a educação como um direito fundamental e um agente de mudança. Assim, a atividade promoveu uma reflexão crítica sobre a história local e o impacto das lutas coletivas, incentivando uma visão mais participativa e consciente da sociedade em que vive.

#### **4 CONCLUSÃO**

O projeto "Memórias de Laje do Muriaé" declarou a relevância da educação patrimonial como um instrumento de transformação social e formação crítica. Ao conectar os estudantes à história local, promovendo o diálogo entre memórias comunitárias e conteúdos curriculares, a iniciativa reafirmou a importância do protagonismo juvenil na construção de identidades culturais e no fortalecimento do vínculo com o patrimônio histórico e social.

A análise da carta da professora Antonieta Olivier Pinto, associada aos relatos orais encontrados, revelou como a luta por uma educação acessível impactou a vida das gerações, desde os desafios enfrentados na década de 1950 até as conquistas atuais. A atividade evidenciou o papel central da participação cidadã na construção de direitos e na superação de desigualdades, permitindo que os estudantes refletissem sobre sua responsabilidade como agentes de transformação no presente.

Além disso, o projeto declarado como a interdisciplinaridade pode ampliar a eficácia do ensino ao integrar conteúdos pedagógicos com a realidade existencial dos alunos, contribuindo para um aprendizado mais significativo e contextualizado. Ao valorizar o conhecimento local e o cultivo de práticas de letramento crítico, a atividade promoveu não apenas o resgate da memória histórica, mas também o desenvolvimento de habilidades reflexivas e criativas fundamentais para a formação de cidadãos comprometidos com sua comunidade e com o futuro.

Por fim, a experiência reafirmou o potencial da educação como um espaço de resistência e esperança, alinhado aos princípios de Paulo Freire. Ensinar a “esperar” é preparar os jovens para compreenderem suas histórias, enfrentarem os desafios de suas realidades e se engajarem na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Assim, iniciativas como esta reforçam a centralidade da escola como locus de transformação, não apenas individual, mas também social e cultural, contribuindo para a consolidação de uma educação pública de qualidade e conectada às demandas do século XXI.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> . Acesso em: 21 dez. 2024.

CHAUÍ, M. “Cultura e democracia”. Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales, 1 (1). 2008, pp. 53-76.

FRATTARI, Najla Franco. BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 229 p. Disponível em: < <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5298/4337> > . Acessado em 05 de dezembro de 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido . 50ª ed. Paz e Terra, 2021.

GRAELLS, Pere Marquès. La cultura tecnológica en la sociedad de la información. Departamento de Pedagogia Aplicada, Facultad de Educación, UAB, Espanha, 2000. Disponível em [https://1library.co/document/qvv8dd0q-cultura-tecnologica-sociedad-informacion.html#google\\_vignette](https://1library.co/document/qvv8dd0q-cultura-tecnologica-sociedad-informacion.html#google_vignette) . Acessado em 05 de dezembro de 2022.

LARAIA, R. de B. Cultura: um conceito antropológico. 14ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

MISRAHI, R. Felicidade: um ensaio sobre a alegria. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Vera Maria; CACETE, Luciana Maria Bueno. Para Ensinar e Aprender Geografia . São Paulo: Cortez, 2009.